Revista Diversidade e Educação

ENSAIO VISUAL

ENTRE LINHAS E IDENTIDADES: O TÊXTIL COMO RESISTÊNCIA LÉSBICA

ENTRE HILOS E IDENTIDADES: LO TEXTIL COMO RESISTENCIA LÉSBICA

BETWEEN THREADS AND IDENTITIES: TEXTILE ART AS LESBIAN RESISTANCE

Yasmin Mariane Flauzino Fortes[1]

RESUMO
Este ensaio visual é um recorte de uma pesquisa acadêmica em poéticas visuais, realizada a partir da série *Bandeiras* (2025, em andamento) e da obra *Da palavra se fez carne* (2025). As produções em crochê articulam memórias familiares, a desvalorização histórica das práticas têxteis associadas às mulheres e as resistências lésbicas. Por meio de uma abordagem autobiográfica e poético-visual, os trabalhos ressignificam palavras utilizadas para inferiorizar mulheres lésbicas e deslocam uma prática vinculada ao espaço doméstico para a afirmação política e a denúncia. As obras também estabelecem relações entre lesbofobia, especismo e as violências do heteropatriarcado especista.
PALAVRAS-CHAVE: Lesbianidades. Arte têxtil. Poéticas lésbicas. Resistência lésbica.

RESUMEN
Este ensayo visual es un recorte de una investigación académica en poéticas visuales, realizada a partir de la serie *Bandeiras* (2025, en curso) y de la obra *Da palavra se fez carne* (2025). Las producciones en crochê articulan memorias familiares, la

[1]É bacharela em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), artista visual e pesquisadora, natural de Barra Mansa (RJ). Foi bolsista de Iniciação Científica com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e bolsista da Editora da FURG. É integrante do Grupo de Pesquisa ARTƎECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosóficas – FURG/CNPq. E-mail: yasminmffortes@gmail.com.

 (cc) BY-NC-SA

desvalorización histórica de las prácticas textiles asociadas a las mujeres y las resistencias lésbicas. Mediante un enfoque autobiográfico y poético-visual, los trabajos resignifican palabras utilizadas para inferiorizar a mujeres lesbianas y desplazan una práctica vinculada al espacio doméstico hacia la afirmación política y la denuncia. Las obras también establecen relaciones entre lesbofobia, especismo y las violencias del heteropatriarcado especista.
PALABRAS-CLAVE: Lesbianidades. Arte textil. Poéticas lésbicas. Resistencia lésbica.

ABSTRACT
This visual essay is drawn from academic research in visual poetics developed through the ongoing series *Bandeiras* (2025) and the artwork *Da palavra se fez carne* (2025). The crochet works articulate family memories, the historical devaluation of textile practices associated with women, and forms of lesbian resistance. Through an autobiographical and poetic-visual approach, the works resignify words used to demean lesbian women and shift a practice associated with the domestic sphere toward political affirmation and critique. The artworks also establish connections between lesbophobia, speciesism, and the forms of violence produced by speciesist heteropatriarchy.
KEYWORDS: Lesbian identities. Textile art. Lesbian poetics. Lesbian resistance.

* * *

O têxtil como resistência lésbica

O presente ensaio visual é um recorte de uma pesquisa acadêmica em poéticas visuais que se desdobra a partir de dois trabalhos têxteis: um recorte da série *Bandeiras* (2025, em andamento), ainda em desenvolvimento, e a obra *Da palavra se fez carne* (2025). A articulação entre os trabalhos ocorre por meio do crochê, prática historicamente inferiorizada em determinados contextos por sua associação às mulheres e reapropriada, nas obras, a partir de perspectivas e vivências lésbicas como forma de resistência. A reflexão parte de uma abordagem autobiográfica, articulada à pesquisa bibliográfica e à análise poético-visual dos trabalhos.

Em determinados contextos da tradição ocidental, as práticas têxteis participaram da construção de ideais de feminilidade associados ao casamento, à maternidade e à domesticidade, especialmente no Renascimento europeu (Clara Nogueira, 2021). Nesse sentido, Rozsika Parker (1984) relaciona ao fazer têxtil tanto o ideal feminino, entendido como um conceito histórico e mutável do que a mulher deve ser, quanto o estereótipo feminino, definido como um conjunto de características

 (cc) BY-NC-SA

impostas às mulheres como modelo. A associação dessas práticas ao gênero feminino e à classe trabalhadora contribuiu para que fossem classificadas como artesanato, em oposição às linguagens reconhecidas como artes maiores.

No século XX, embora as posições tradicionalmente ocupadas pela pintura e pela escultura tivessem sido questionadas, a associação entre as práticas artesanais e o gênero feminino continuava sendo reiterada (Ana Paula Simioni, 2010). Posteriormente, as modalidades desprezadas no campo artístico por serem associadas às mulheres foram ressignificadas para denunciar as estruturas que marginalizam tanto mulheres quanto a prática em si (Parker, 2019).

Monique Wittig (2022) compreende as categorias "mulher" e "homem" como produtos políticos da sociedade heterossexual. Em sua formulação, a existência lésbica desestabiliza a categoria de mulher constituída por uma relação de dependência e subordinação aos homens. Apropriado por uma poética lésbica, o fazer têxtil pode, portanto, deixar de reiterar esse ideal de feminilidade e tornar-se meio de afirmação e denúncia.

A escolha dos trilhos de crochê parte de uma memória autobiográfica da artista, marcada pela transmissão desse saber entre gerações de mulheres de sua família. Associada ao cuidado e ao compartilhamento, essa prática também esteve atravessada por um ideal feminino ligado ao lar. A série *Bandeiras* (Figuras 1, 2 e 3) surge do tensionamento dessa herança: o objeto doméstico passa a sustentar e enunciar palavras como "lésbica" e "sapatão", transformando-se em instrumento de afirmação política. Dessa forma, o trilho torna-se bandeira.

Nos trilhos, estão escritas em crochê palavras historicamente utilizadas para ofender mulheres lésbicas. Ao serem apropriadas pelas obras, essas palavras passam a operar como formas de autodefinição e afirmação política, sem que a violência de seus sentidos seja apagada. Essa operação dialoga com a compreensão da existência lésbica como recusa da heterossexualidade compulsória e como ato de resistência. Com isso, a "existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, [...] um ato de resistência" (Adrienne

 (cc) BY-NC-SA

Rich, 2012, p. 36). Ao romperem com a heterossexualidade compulsória, tais identidades desestabilizam a ideia de mulher produzida pelo *cistema*[2] hegemônico (Wittig, 2022).

O trabalho *Da palavra se fez carne* (Figura 4) surge como desdobramento da série *Bandeiras*. No contexto da vivência da artista no Sul do Brasil, o termo "machorra" aparece como forma de ataque a mulheres lésbicas, sobretudo àquelas percebidas como masculinizadas. Ao mesmo tempo, carrega sentidos relacionados ao especismo[3] estrutural, pois, direcionada às vacas, a palavra significa uma fêmea incapaz de procriar e produzir leite, considerada, portanto, inútil para servir aos interesses humanos.

A aproximação dessas acepções pretende evidenciar uma lógica heteropatriarcal especista[4] que atribui valor aos corpos conforme sua capacidade de reproduzir, produzir e servir. Carregando sentidos violentos relacionados à lesbofobia e ao especismo, o termo não se encerra na palavra, mas se prolonga em fios tingidos com sangue vegetal. Produzido com matérias vegetais, esse sangue materializa visualmente as violências abordadas sem reproduzi-las sobre corpos animais.

Dessa forma, as produções dão continuidade ao movimento de ressignificação das práticas têxteis, denunciando as estruturas que marginalizam tanto as mulheres quanto essas práticas. Ao transversalizar lesbianidades, memória familiar e especismo, os trabalhos deslocam o crochê do espaço doméstico para o campo da afirmação política e da resistência, produzindo outras possibilidades de existência lésbica.

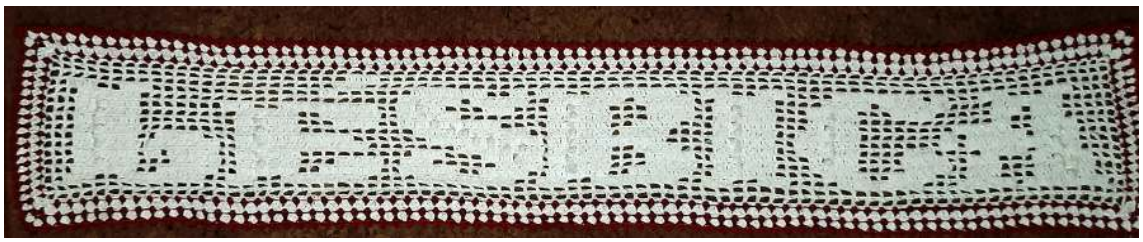
[2] A palavra "cistema" é escrita com C para enfatizar que o sistema que impõe a heterossexualidade como regra e como condição natural também impõe a cisgeneridade, produzindo de forma articulada opressões contra pessoas transgêneras.

[3] O especismo subjuga animais não humanos como inferiores aos animais humanos, desconsiderando sua senciência, mente e afetos para que seja possível explorá-los.

[4] Na pesquisa, o termo heteropatriarcado especista é utilizado para nomear a articulação entre patriarcado, heteronormatividade e uma suposta superioridade humana, compreendendo essas estruturas como produtoras de hierarquias entre corpos, gêneros, sexualidades e espécies.

(cc) BY-NC-SA

FIGURA 1: *Lésbica,* da série *Bandeiras* (2025, em andamento). Trilho de crochê. 127 x 24 cm.



Fonte: acervo da autora.

FIGURA 2: *Sapatão I,* da série *Bandeiras* (2025, em andamento). Trilho de crochê. 68 x 21 cm.



Fonte: acervo da autora.

FIGURA 3: *Sapatão II,* da série *Bandeiras* (2025, em andamento). Trilho de crochê. 90 x 22 cm.



Fonte: acervo da autora.

(cc) BY-NC-SA

FIGURA 4: *Da palavra se fez carne* (2025). Crochê tingido com sangue vegetal produzido com beterraba, açafrão e colorau. 325 x 43 cm.



Fonte: acervo da autora. Fotografia: Bruno Carneiro.

(cc) BY-NC-SA

Referências

NOGUEIRA, Clara. [Cômodo]: Considerações sobre o feminismo, o têxtil e a maternidade. *In*: BORRE, Luciana; ANDRADE, Luana (org.). *Tramações:* a memória e o têxtil. Recife: Ed. UFPE, 2021. p. 41-50.

PARKER, Rozsika. *The Subversive Stitch:* Embroidery and the Making of the Feminine. Londres: Women's Press, 1984.

PARKER, Rozsika. A criação da feminilidade. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). *Histórias das mulheres, histórias feministas:* Antologia. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 95-109.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 4, n. 5, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309. Acesso em: 10 jun. 2026.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. *Proa – Revista de Antropologia e Arte,* v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/anasimioni.html. Acesso em: 10 jun. 2026.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios.* 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

Recebido em maio de 2026.

Aprovado em julho de 2026.

 (cc) BY-NC-SA